

A PRODUÇÃO DE TEXTO NA ESCOLA EM SEU ASPECTO SOCIAL: AS PROPOSTAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA PELO PROFESSOR E PELO LIVRO DIDÁTICO

Tatiane Portela Vinhal (FCT-UNESP-Programa de Pós-Graduação)ⁱ; Mayara dos Santos Araujo (FCT-UNESP-Programa de Pós-Graduação)ⁱⁱ; Renata Junqueira de Souza (FCT – UNESP – Pós-Graduação em Educação)ⁱⁱⁱ
Eixo 3: Projetos e Práticas de Formação de Professores

Introdução

Atualmente, a leitura e a escrita configuram-se como tarefa ou dever escolar. Nesse processo, Soares (2001) indica que o professor use essas habilidades para ampliar horizontes e causar provocações aos seus alunos, transformando as atividades com leitura e escrita em momentos profícuos.

Para Soares (2004), os educadores assumem um compromisso de formar seus educandos escritores e essa formação não apenas como desenvolvimento de habilidades e de atitudes positivas em relação a ela, mas também, como possibilidade de democratização do ser humano. E uma das formas que o docente pode usar para que isso seja alcançado é mediante as atividades de produção de textos em sala de aula.

De acordo com alguns autores como Geraldini, Kaufman, Jolibert e Citelli, as atividades de produção de textos podem obter resultados positivos quando são efetivas, significativas e contextualizadas.

No entanto, em contraponto ao que se espera, recentes pesquisas afirmam que a escola não tem conseguido cumprir seu papel de ensinar as habilidades de leitura e escrita aos alunos. Pois, segundo Chiapinni (1997, p. 10),

a escola tem a tendência a burocratizar a linguagem: a cópia, o ditado, a redação como atividades isoladas. O trabalho do professor sendo repetição dos roteiros do livro didático, e o do aluno, sendo execução dos exercícios que estes lhes impõem.

O que vemos são crianças escrevendo somente para o professor (este sendo muitas vezes, o único leitor). Tornando-se assim, essa prática artificial, afinal, qual é a graça de escrever um texto que não será lido por mais ninguém? (GERALDI, 2001)

Da mesma forma, Kaufman (1995) assevera que não é fácil imaginar um aluno escrevendo para ninguém, segundo a autora, sempre há um destinatário. Em qualquer modo de escrever ou em qualquer escrito, ele sempre será destinado a alguma coisa, portanto enfatiza-se o objetivo da ação de produzir um texto.

Pois, o que temos vivenciado são exercícios de escrita enfadonhos não só para os discentes, mas também para os professores. As temáticas propostas sendo repetidas de ano a ano, fazendo com que até os alunos percebam isso. (GERALDI, 2001)

Para Leal (2008, p.54),

nesse processo, uma pergunta fundamental emerge: para que se escreve? Uma das respostas possíveis é: para ser lido e compreendido. Reconhecemos, de antemão, que os alunos, quando produzem os seus textos, em qualquer momento de sua vida escolar, esperam uma resposta ao que produziram.

Essa descoberta poderia facilitar muito o desempenho das crianças em suas habilidades de escrever, pois ampliariam seus horizontes a fim de conquistarem um mundo antes não descoberto. Pois, desta forma as crianças encontrariam um lugar no mundo da escrita e não seriam mais somente leitoras e receptoras, mas sim, produtoras, editoras e difusoras da língua escrita. (JOLIBERT, 1994)

Assim, os professores deveriam pensar em estratégias que transformassem as atividades de produção textual em práticas sociais. Visando sempre os aspectos formadores, propondo aos textos produzidos em aula outro destino.

Mostrar para a criança o quanto a escrita pode ser importante para ela não somente dentro da escola, mas também em seu convívio social fora dos muros escolares. Este tipo de ação facilitaria a formação de alunos produtores de textos.

Para isso, temos como objetivo em nossas pesquisas investigar como os professores do ensino fundamental têm trabalhado em sala de aula a produção de textos, de forma a levar os alunos às práticas sociais da língua escrita e; também, analisar as propostas de produção textual nos livros didáticos.

Segundo Jolibert (1994), é preciso que em cada criança o ato de escrever não se torne sinônimo de trabalho enfadonho, bloqueio ou fracasso. É importante que os alunos descubram que existe um mundo da escrita, seja ele social, cultural, econômico ou de produção. É necessário que eles saibam que existem os escritos sociais que vão além dos que elas estão acostumadas no dia-a-dia escolar.

Para Geraldi (2001), os professores, por exemplo, em atividades com produção textual poderiam elaborar uma troca de cartas de seus alunos com outros de outras escolas, em que contassem a realidade de cada uma. Outra proposta, também, seria a criação de um jornal para que os textos possam ser publicados e lidos por todos os colegas e familiares, enfim, há muitas formas para que os textos escritos em sala de aula saiam do contexto escolar e sua produção seja significativa.

A produção textual cria um movimento em que ler passa a representar escrever, assim, tornando o texto constituído do processo de escrita/leitura/reescrita. O resultado dessa prática torna-se o fenômeno socializador das relações humanas. (CITELLI; BONATELLI, 1997)

Para Kaufman e Rodríguez (1995, p.3),

os professores devem propiciar um encontro adequado entre as crianças e os textos. Se alguns chegassem a ser escritores graças á intervenção escolar, a missão do professor estaria cumprida com lucro. Caso isso não ocorra, é dever indubitável da escola que todos que engessem de suas aulas sejam “pessoas que escrevem” isto é, sejam pessoas que, quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranqüilidade e autonomia.

Idealizar o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo entre os textos e os leitores. E mais, são os sentidos socialmente constituídos os verdadeiros objetos do processo de ensino e aprendizagem (GERALDI, 1997). Nesse sentido, acreditamos que a língua escrita e falada deve ser potencialmente explorada, vivenciada cotidianamente em sua função social real.

Para que isso ocorra não podemos esquecer outra questão que envolve este assunto: de onde os professores tiram as propostas de produção textual aplicadas em sala de aula.

Segundo Carbonari e Silva (2007), o livro didático é o recurso mais utilizado pelos professores, o que demonstra um empobrecimento na dinâmica das aulas, fazendo com que nada se acrescente ao manual adotado.

O livro didático está presente na relação professor-aluno, por isso é importante estudar o seu conteúdo, principalmente as atividades que se referem à leitura e à escrita. Pois, se é o professor que exerce a mediação entre os estudantes e o mundo da leitura e da escrita (BATISTA 1998), o manual didático é um instrumento para que aconteça essa mediação e está presente no dia-a-dia da sala de aula “construindo o conjunto de possibilidades a partir do qual a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os” (BATISTA, 2003, p. 47).

Marcuschi (2002) analisou os exercícios de compreensão de texto de vinte e cinco livros didáticos do ensino fundamental e médio e identificou alguns problemas nessas atividades. Ressalta-se abaixo a definição de compreensão textual encontrada, por ele, na maioria dos livros didáticos pesquisados:

A compreensão é considerada, na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de *decodificação* de um conteúdo objetivamente inscrito no

texto ou uma atividade de cópia. Compreender texto resume-se, no geral, a uma atividade de extração de conteúdos (MARCUSCHI 2002, p. 51).

Nota-se que a compreensão é vista como decodificação e conseqüentemente a atividade escrita para esses exercícios é reduzida à cópia. Dessa maneira, “o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH; ELIAS 2006, p. 10). Assim, a língua é concebida como representação do pensamento.

Era nessa concepção que o ensino da escrita se baseava. Pois, durante algum tempo, os conteúdos de Língua Portuguesa se concentravam no ensino da escrita baseando-se no conjunto de normas e regras gramaticais. No início dos anos 80, pesquisas nos campos da linguística, da filologia e da psicolinguística possibilitaram mudanças nessa aprendizagem (BRASIL, 1998).

Antes, as críticas ao tratamento dado à escrita nas escolas se centralizavam no distanciamento que esse tinha em relação à realidade e ao interesse dos alunos. Já que as composições e redações escolares se afastavam das futuras produções de texto com as quais os educandos se deparariam ao longo da vida. Nelas não estavam incluídas a palavra do sujeito e o diálogo que o aluno poderia fazer com textos já conhecidos, também não previam a presença do leitor como fim de sua escrita (GERALDI, 1997). Citelli (2001) afirma que essas atividades tinham como tema sugestões aleatórias que não concebem o ato de escrever como um processo e “que não chegam a trabalhar visões de linguagem, relação produtor/leitor, nem a desenvolver propriamente um continuado exercício da escrita” (CITELLI, 2001, p. 19).

Hoje, no entanto, esses exercícios procuram se aproximar dos usos que os alunos fazem do texto dentro e fora do ambiente escolar, por isso “o caminho atual é focar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores, ou seja: levar a criança a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam ler e escrever” (GURGEL, 2009, p. 39).

Portanto, pode-se dizer que a produção de texto também é um diálogo não só entre o autor e seu leitor, como também

com outros textos que se relacionam entre si, pelos mesmos temas de que tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, pela sua coexistência numa mesma sociedade, constitui nossa herança cultural (GERALDI, 1997, p. 22).

Dessa forma, a escrita é vista como produção textual, pois o objetivo do texto produzido pelo escritor é a sua comunicação com o leitor. Para Koch e Elias (2009, p. 34), a relação escritor-leitor leva em conta “as intenções daquele que faz uso da língua

para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desses processos”.

Diferenciadas essas atividades de escrita, no que tange ao considerar a produção textual como um processo que leva em consideração a interação escritor-leitor, o diálogo entre os textos do autor no momento de sua produção e os objetivos que essa tarefa pretende, pergunta-se: as propostas de produção de textos elaboradas pelos professores e com o auxílio do livro didático tem conseguido formar leitores e escritores em seu aspecto social? Será que a função social da escrita tem cumprido seu papel na escola?

Se escrever, ser lido e ler é partilhar sentimentos, receber rosas e risos, mostrar nossas margens e oásis; se escrever, ser lido e ler não cabe em “formas” de pura correção gramatical, em camisas-de-força do mero preciosismo vocabular, escrever, ser lido e ler não faz parte da concepção de ensino descrita. Ao aluno – à margem do seu texto irrequieto, mas sem razão – resta o silêncio da cópia e da despersonalização. (CITELLI; BONATELLI, p. 120, 1997)

Temos visto nos resultados até aqui alcançados que trazer vivências culturais da leitura e da escrita para a sala de aula através das atividades de produção de textos torna-se fatores importantes para compreender a forma como os professores têm desenvolvido o papel de não só ensinar a ler e escrever, mas também, de tornar essas ações significativas para a vida de seus alunos.

Referências bibliográficas

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Os (as) professores (as) são não leitores? In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas da (Org.) **Leituras do professor**. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-60.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, João Wanderlei. Da redação à produção de textos. In: **Aprender e ensinar com textos de alunos**. Coord. CITELLI, Beatriz; GERALDI, João Wanderlei. – São Paulo: Cortez, 1997. V.1.

GURGEL, Thais. Escrever de verdade. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Ano 24, n. 219, p. 38 – 45, jan/fev. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva (Org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 46-59.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

ⁱ Título da pesquisa desenvolvida: **“Os PCNLP e o ensino da escrita: uma análise sobre as propostas de produção textual em livros didáticos das 4ª e 5ª séries do ensino fundamental**

ⁱⁱ Título da pesquisa desenvolvida: **“A produção de texto e a prática docente em questão: implicações e aplicações de uma sala de aula da 4ª série de uma escola municipal de Presidente Prudente – SP.”**

ⁱⁱⁱ Orientadora